



TERRITÓRIOS NEGROS PLURAIS: DOIS CLUBES, DUAS CIDADES E DUAS HISTÓRIAS. DE PONTA GROSSA A TIBAGI

MERYLIN RICIELI DOS SANTOS (UDESC)*

Introdução

No ano de 2016 o Núcleo de Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Sexualidade (NUREGS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa encaminhou um projeto de extensão ao programa Universidade Sem Fronteiras (USF) da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Inscrito no Subprograma Inovação e diversidade Cultural tal projeto, denominado de “Sociabilidades Negras nos Campos Gerais: Histórias, Trajetórias e Memórias” foi aprovado em edital ao final do ano de 2016 e teve início no mês de abril de 2017, com um ano de duração.

De acordo com as envolvidas, o projeto, por meio de pesquisas pautadas nas memórias dos frequentadores destes territórios negros, tinha como proposta “Dar visibilidade à (re)construção da história do Clube Treze de Maio (Ponta Grossa), Clube Estrela da Manhã (Tibagi) e da Sociedade Recreativa dos Campos Gerais (Castro)(...)” (SANTOS; FONSECA; JOVINO, 2017, p.2).

Nesta ótica, o projeto *Sociabilidades Negras nos Campos Gerais: Histórias, Trajetórias e Memórias* tinha como protagonista sujeitos, em maioria pretos e pardos, que participaram dos clubes negros mencionados. Ainda que o projeto tenha direcionado suas atenções para três territórios negros paranaenses inseridos na região dos Campos Gerais, apenas dois se fazem presentes neste artigo, os únicos os quais a realização de entrevistas foi viável.

As discussões seguintes buscam situar historicamente o Clube Literário e Recreativo Treze de Maio e o Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã, fundados em Ponta Grossa e Tibagi no ano de 1890 e 1934, respectivamente, assim como discutir o conceito de *territórios negros* e responder duas questões: Quais as especificidades de cada clube elencado? E em que momento eles dialogam?

* Doutoranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista FAPESC.



Por hora, adianta-se que haviam relações e conexões entre as duas entidades que Ban, com base em Magnani (2014), classificou como circuito e pontuou que “[...] é chamada de circuito, categoria proposta para uma etnografia urbana, que reconhece no interior das cidades, espaços de sociabilidade não institucionalizados e que mesmo distantes e sem vínculos, mantém uma continuidade.” (BAN, 2017, p. 2).

Negros (des)territorializados

A região Sul do Brasil possui quantidade significativa de clubes negros, sendo o Rio Grande do Sul o Estado com o maior número deles em seus limites urbanos. Além de haver uma expressiva produção historiográfica acerca destes no respectivo Estado. Segundo Escobar (2010) a Prefeitura de Santa Maria e a Secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) financiaram uma investigação que chegou a destacar 43 (quarenta e três) Clubes Sociais Negros no Rio Grande do Sul em 2009. A pesquisadora afirmou que além desta busca, outras entidades foram registradas futuramente, chegando a contabilizar 55 (cinquenta e cinco) espaços deste perfil. Mapeados pelo Museu Treze de Maio.

Já no Estado de Santa Catarina “O clube Cruz e Sousa, de Lages, fundado em 1901, é um dos mais antigos em atividade. Há outras associações ativas em Tubarão, Florianópolis, Criciúma, Laguna, Tijucas, Joinville e Itajaí.” (ARAUJO, 2017, p. 1).

Partido da região Sul e tendo o Rio Grande do Sul como parâmetro quantitativo, podemos afirmar que o Paraná, o estado mais negro dentre os três que compõem a região, conta com uma quantidade modesta de clubes negros em seu território.

No ano de 2014 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (IPHAN), por intermédio dos pesquisadores Geslline Giovana Braga e Juliano Martins Doberstein realizaram um mapeamento¹ dos Clubes Sociais Negros no Paraná e por meio de análises, pesquisas e questionários, registraram seis instituições: Clube Recreativo Campos Gerais, localizado na cidade de Castro; Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio, situada em Curitiba; Clube Rio Branco, fundado na cidade de Guarapuava; Associação de Recreação Operária de Londrina; Clube Literário e Recreativo Treze de Maio, construído em Ponta Grossa; Clube Recreativo e Cultural Estrela da manhã, localizado no município de Tibagi (IPHAN, 2010). Sendo os dois últimos, os territórios negros aqui problematizados.

Antes de apresentar as instituições que norteiam este artigo faz-se necessário discutir o conceito de Clubes Negros. Partindo da premissa de que tais espaços se constituíram não apenas como locais de sociabilidades, resistência ou como uma resposta para a sociedade no contexto pós-abolição que segregava os recém-libertos, mas como territórios que se consolidaram a partir destes três aspectos. Marcados pela racialização que em um cenário de exclusão e negação fez emergir e ganhar forças pautas de associativismo, formação e

¹ Parte deste mapeamento fora fornecido por membros do IPHAN (PR) ao Núcleo de Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Sexualidade da UEPG para que o projeto de extensão tratado neste artigo pudesse ter mais informações sobre os clubes negros da região.

letramento, que deram base para fortalecimento de identificações e noções de pertencimento sócio-racial.

Assim, a definição de Clubes Negros deve ser pensada enquanto organizações plurais que possuem histórias e vivências negras que se (entre)cruzam, bem como de objetivos que dialogam, pois partilham de determinados ideais e perspectivas comuns. Tendo como elementos centrais os sujeitos e as mais variadas manifestações culturais pertencentes à raça negra.

Tais reflexões partem da definição construída por Oliveira Silveira que traz a seguinte descrição:

Os Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade do convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio. (SILVEIRA apud ESCOBAR, 2010, p.61).

Sendo assim, o projeto *Sociabilidades Negras nos Campos Gerais: Histórias, Trajetórias e Memórias* buscou trazer algumas das especificidades dos dois clubes negros aqui tratados, pensando-os não apenas como espaços de sociabilidades, mas como territórios negros que re-existem na região dos Campos Gerais, interior do Paraná.

A discussão acerca da definição e classificação de territórios negros pauta-se nas reflexões de Vieira (2017) que ao tratar de territórios negros em Porto Alegre (RS) pontua que

Apesar dos negros estarem presentes nos mais diversos espaços, haviam espaços que eram característicos da população negra, seja pela concentração de negros residentes, pelo uso frequente para o trabalho ou para a realização de práticas culturais. Esses espaços acabaram marcados na memória da cidade como territórios negros, devido a concentração de negros e ao uso singular e frequente. (VIEIRA, 2017, p.15).

Partindo desta percepção e observando as características e especificidades que dão movimento a estes territórios, nota-se que há uma versatilidade que caracteriza e define seus mais variados estilos e que são constituídos pela dinâmica interna e externa aos respectivos espaços. Nesta esteira Vieira (2017) explana que:

Para além de espaço físico e apenas funcional – de moradia, de trabalho – estes espaços ganham significados a partir das relações que neles se estabelecem. Conformam-se assim, também, enquanto espaços simbólicos. As mulheres e homens negros que os habitam, imprimem neles práticas e relações, sobre eles constroem laços entre si, laços de pertença com o espaço, com as instituições ali presentes – terreiros, sociedades negras, escolas, salões de baile, clubes de futebol, blocos e entidades carnavalescas – e com as práticas nelas desenvolvidas. O simbolismo está

relacionado aos significados e sentidos que homens e mulheres negras constroem sobre estes espaços. (VIEIRA, 2017, p.42-43).

Considerando os mais variados processos que constituem e definem um território negro é interessante refletir sobre a importância da construção e promoção de redes de contato e apoio que se formam no interior de tais espaços. Sobre isso, Nogueira (2018) pensando territórios negros em Florianópolis situa que “os territórios negros são construídos na alteridade, mas também são construídos na coletividade, a partir das relações internas a eles.” (NOGUEIRA, 2018, p.39).

Por meio do marcador que evidencia a coletividade como um traço destes locais, observa-se aí um aspecto crucial para compreender como a dinâmica negros e negros se estabelecia nesta esfera de sociabilidade, pertencimento e luta.

Os territórios negros diferenciam-se não apenas pela simples presença de pessoas negras, mas pelos processos de identificação territorial pelos quais essas pessoas apreendem aqueles espaços, caracterizando-se pela resistência à colonialidade, seja essa resistência engajada ou não. (NOGUEIRA, 2018, p.41-42).

Seguindo esta linha de análise e no anseio de compreender e historicizar os clubes negros aqui mencionados, partimos para os resultados e discussões que buscam responder as questões postas no início do artigo: Quais as especificidades de cada clube elencado? E em que momento eles dialogam? E para que esse objetivo seja alcançado partiremos de reflexões metodológicas que envolvem a História Oral e a Análise Dialógica do Discurso (ADD). Sendo a primeira o modo de *cocriar* e a segunda o modo de analisar e dialogar com as fontes orais.

Metodologia

O projeto de extensão que deu origem a este artigo teve como foco evidenciar as narrativas orais de sujeitos frequentadores dos dois clubes negros já mencionados e com base em seus discursos orais construir um acervo digital com as entrevistas e suas respectivas transcrições. Assim, ao longo de doze meses de vigência do projeto, buscou-se entrevistas homens e mulheres, em maioria negros, que tiveram em algum momento de suas vidas uma participação efetiva nos territórios negros aqui abordados.

Contabilizando as narrativas dos dois clubes o projeto realizou dezenove entrevistas com o auxílio de seus bolsistas graduandos e recém-formados, nas áreas de história e jornalismo, que trabalharam na perspectiva da história oral considerando-a como uma *arte da*

escuta (PORTELLI, 2016). As entrevistas foram em número semelhante², sendo dez em Ponta Grossa, sobre o Clube Literário e Recreativo Treze de Maio e, nove entrevistas realizadas na cidade de Tibagi, com sujeitos que tiveram ou têm, vínculos com o Clube Recreativo e Cultural Estrela da manhã.

Quando falamos em história oral, entretanto, também nos referimos a algo mais específico. Mais do que uma ferramenta adicional, por vezes secundária, na panóplia do historiador, as fontes orais são utilizadas como eixo de um outro tipo de trabalho histórico, no qual questões ligadas a memória, narrativa, subjetividade e diálogo moldam a própria agenda do historiador. (PORTELLI, 2016, p.10).

Deste modo, optou-se pela história oral como um método de pesquisa que “[...] não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento” (ALBERTI, 1990, p. 29), na intenção de compreender a dinâmica desses territórios negros a partir de vozes de seus próprios participantes e ainda construir juntamente com os entrevistados um pequeno acervo com os áudios, vídeos e transcrições das narrativas que pode vir a contribuir para pesquisas futuras que tenham tais formas de sociabilidade como objetos de estudos e análises.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2005, p. 155).

Marcada por vivências contemporâneas, a então metodologia deve pautar-se na ética e priorizar o testemunho como um apanhado de memórias repletas de significados que passam a ser (com) partilhadas com o entrevistador. “Em outras palavras: é a abertura do historiador para a escuta e para o diálogo, e o respeito pelos narradores, que estabelece uma aceitação mútua baseada na diferença, e que abre o espaço narrativo para o entrevistador entrar.” (PORTELLI, 2016, p.15). É nesta interação dialógica que as entrevistas acerca dos clubes negros foram construídas. As entrevistas foram transcritas na íntegra, poucos ajustes foram realizados a fim de seguir a norma culta da língua portuguesa, todavia, preservando a intencionalidade dos discursos elaborados.

Sobre o processo de análise destas entrevistas, e que darão suporte as discussões aqui propostas, voltamos nossas atenções para a Análise Dialógica do Discurso (ADD), compreendida neste artigo como

² Ainda que dezenove entrevistas tenham sido realizadas, apenas trechos de algumas serão analisados.

Uma teoria/análise dialógica do discurso, sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada, constituem de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a postura dialógica diante do corpus discursivo, da metodologia e do pesquisador. A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico. (BRAIT, 2014, p. 29).

Nesta ótica, tanto a ética quanto a importância em historicizar sujeitos e objetos de estudos em pesquisas que pautem-se nas discussões atreladas as relações dialógicas e comunicações responsivas, devem ser elementos estruturantes ao longo das respectivas análises dos enunciados, pensando estes como “[...](produção do discurso) como um todo individual singular e historicamente único”. (BAKHTIN, 1979/2003,p.334).

Em relação à comunicação responsiva, se constitui considerando que o falante já constrói seu enunciado ciente de que seus ouvintes “não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação discursiva. Desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta.” (BAKHTIN, 2003, p. 301).

Nesta esteira, por meio da história oral e através de uma problemática pensada a partir do diálogo e das mais variadas intencionalidades de respostas, as categorias de análise aqui problematizadas são: Histórico e características dos clubes negros em questão. Tentando relacioná-las com o perfil racial das cidades em que estão situados.

Resultados e Discussões

Em uma narrativa cronológica iniciamos apresentando o histórico do Clube Literário e Recreativo Treze de Maio que é um dos mais antigos do Estado. Fundado na cidade de Ponta Grossa no pós-abolição, passou por quatro endereços até fixar-se no endereço que se encontra na atualidade. A fundação ocorreu no dia Treze de Maio de 1890, mas com base em pesquisas anteriores, consideramos a hipótese de que desde 1888 já havia uma movimentação de idealização desse espaço, porém em estatuto a instituição é datada de 1890 “[...] e teria sido encabeçada por Cassemiro Cardoso, Firmino Souza, Lúcio Alves da Silva, Pedro Souza, Tristão Santos e outros negros intelectuais de renome na cidade.” (SANTOS, 2014, p.228). Quanto à composição racial da cidade de Ponta Grossa, com base em pesquisas anteriores, concluímos que:

No momento de criação da instituição referida, a população de Ponta Grossa era de 4.774 habitantes, sendo 1.063 negros (somando pretos e mestiços) que eram cerca

de 25% da população da cidade. Com base nos dados de pesquisas governamentais, da “Directoria Geral e Estatística” (órgão responsável pelas estatísticas na época).”(SANTOS, 2016, p.42-43).

A quarta parte da população correspondia ao contingente de sujeitos negros, que de acordo com a categorização do período referia-se aos sujeitos pretos e mestiços, assim, a predominância racial era branca, mas não era exclusiva. O contexto histórico (pós-abolição), bem como os dados sobre o número de indivíduos negros pode ter relação com o fato de o clube ter sido criado enquanto literário, possivelmente na perspectiva de oferecer um espaço de letramento para os recém-libertos e positivar as identidades negras dos ex-cativos que eram quantidade expressiva.

E no anseio de saber mais acerca do histórico e características do então patrimônio negro local e de acordo com os enunciados dos entrevistados participantes do projeto de extensão *Sociabilidades Negras nos Campos Gerais: Histórias, Trajetórias e Memórias*, este foi um clube de/para negros.

1- Olha, o clube foi fundado em 13 de Maio de 1889. Já existia um clube, só que não era liberado por causa da escravidão. E daí depois o seu Lúcio, que era um engenheiro, começou a sua fundação do Clube ali e, daí o clube veio crescendo e na época só entrava, lógico, negros.(MANOEL, 2017, Entrevista - grifos meus).

2- Porque antigamente o que a minha mãe fala, só ia negro. Só podia entrar negro, só ia negro, e quando eu ia era isso ainda. (RAMOS, 2017, Entrevista - grifos meus).

3- O Clube Treze de Maio era data comemorativa. Então criaram aquele Clube Recreativo Treze de Maio, mas aquilo era muito bom. É porque era tradição das pessoas de cor que criou ali o Clube Treze de Maio. (BUENO, 2017, Entrevista - grifos meus).

4- Nós negros não éramos bem vindos, por que quando você chegava num clube que você não era sócio mesmo que você pagasse para entrar, você não era bem recebido. Infelizmente era assim. Mas no treze de maio você se sentia em casa, por que? Já pelo clube, pelo nome, pelas pessoas que eram da diretoria. (PEREIRA, 2017, Entrevista - grifos meus).

Há uma série de aspectos e signos que poderiam ser explorados nos enunciados apresentados, todavia o foco é compreender como tais entrevistas exploram elementos que (re)tratam, ainda que de modo indireto, o histórico e as características do clube negro em questão. Até agora destacamos os seguintes temas: A exclusividade de uma presença negra no clube no passado, tradição e pertencimento.

Observou-se que nos enunciados 1 (um) e 2 (dois) as entrevistadas trouxeram o signo só como uma forma de situar que a presença negra era exclusiva no clube e a forma em que constroem seus discursos nos dá a impressão de que isso era um traço vigente e uma

característica deste território negro que esteve em vigor por muito tempo, visto que a fala da 2ª entrevistada, Ramos, retrata um período mais recente de funcionamento da instituição, de 2005 pra cá.

Ainda sobre as características deste território negro outro assunto que pode ajudar a elencá-las refere-se ao tipo de música que tocava no clube e acerca disso os entrevistados construíram as seguintes respostas.

1- *Lá era muita valsa e... E samba, (né)? Samba. (BUENO, 2017, Entrevista - grifos meus).*

2- *[...] lá você podia dançar de tudo, desde o soul (né), a música negra americana, até um pagode, até um samba de raiz, desde Clara Nunes até onde você quisesse. (PEREIRA, 2017, Entrevista - grifos meus).*

3- *Muito samba, pagode. Era mais samba e pagode (né/porque). E as músicas assim que eu lembro. Das outras, eu não lembro se tinham outras. Mas era mais assim. Mais a música mesmo que dava certo com quem estava lá dentro. (ANDRADE, 2017, Entrevista - grifos meus).*

Os trechos apresentados demarcam a música negra como um ritmo possivelmente predominante na instituição, não apenas por aparecer nos três enunciados apresentados, mas por ter sido posto também como uma referência ao clube por outras três entrevistadas enquanto respostas a perguntas que não tratavam do então gênero musical, mas que as contatadas fizeram questão de recordar, mencionar e situar como uma memória que constitui a história e a instituição problematizada.

1- *Bom, o clube sempre esteve muito, muito falado. Além de ser o clube dos negros, o clube do samba. Tudo que era melhor sambista era do 13 de Maio[...].(MANOEL, 2017, Entrevista - grifos meus).*

2- *Eu gostaria que tivesse alguém que fizesse o Treze de Maio funcionar como era antigamente (né). Pense bem, a raça negra não tem um clube hoje famoso como era o Treze de Maio. Tinha que ter (né), você não acha que tinha? Tinha que ter um clube bem bonito, bem famoso como era o Treze de Maio e fazer o samba não morrer, tocar samba mesmo lá (né). Ah! Que devagarinho, devagarinho o samba está morrendo. Vocês não notaram isso? (MADUREIRA, 2017, Entrevista - grifos meus).*

3- *Ah! Eu via o clube como um lugar de negritude mesmo, era aquela ali a essência do negro, do samba, o que infelizmente se perdeu, mas quando eu fui lá era isso mesmo. (RAMOS, 2017, Entrevista - grifos meus).*

Observando a presença do signo *samba* em seis das dez entrevistas realizadas com participantes do Clube Literário e Recreativo Treze de Maio, considera-se a possibilidade do clube dispor de uma preocupação em preservar determinadas tradições que representassem

parte das culturas negras, visto que tal gênero musical ainda é um símbolo da instituição que constantemente realiza rodas de samba e concursos de Rainhas do clube tendo como quesito significativo o Samba no pé.

Atualmente (2019) a cidade de Ponta Grossa conta com uma população estimada de 351.736 habitantes e de acordo com o último censo, mais de 20% da população corresponde a sujeitos pretos e pardos autodeclarados (IBGE, 2010) e muitos deste mantêm vínculos geracionais com o Clube Treze de Maio. Ao longo dos anos o clube perdeu algumas características e prestígio, devido à dispersão dos associados e ao fato de disputar atenções com outros clubes locais que não possuem o mesmo perfil que o seu, mas que por causa do caráter popular e acessível, passaram a ter um público considerável de sujeitos negros.

E seguindo a linha de discussão proposta por este artigo, trataremos agora do Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã.

Fundado em quatro de maio de 1934, sendo inaugurado no dia vinte e cinco de setembro do mesmo ano, o Clube Recreativo Estrela da Manhã segue o perfil de outros Clubes negros no Paraná, como o Clube Rio Branco, localizado na cidade de Guarapuava, fundado em 1919; a Sociedade Recreativa dos Campos Gerais, situada no município de Castro, criada em 1921; a Associação Recreativa Operária de Londrina (AROL), constituída em 1930. (TOZETTO, 2018, p.130).

Este território negro foi fundado na primeira metade do século XX, diferente do Clube Literário e Recreativo Treze de Maio, aqui apresentado, que é datado de 1890 e da Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio de Curitiba que é datada de 1888, ambos final do século XIX. E a cidade sede do Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã dispõe de uma predominância negra,

Em perspectiva racial o município em questão conta com uma população de 70% de sujeitos com origem negra em sua dinâmica social, segundo o último censo demográfico do IBGE (2010), dados que definem Tibagi como uma das cidades mais negras do país. (TOZETTO, 2018, p.130).

Dito isso, e com base nos discursos orais dos participantes e ex-participantes da então forma de sociabilidade, tem-se os seguintes relatos sobre seu histórico:

1. *Eu vou falar do que eu lembro (né). Porque no início o pessoal negro não tinha onde dançar. Eles dançavam, faziam seus carnavais, seus bailes, Como dizer(?) naquela época não diziam lanchonete e sim nos bares (né). Tinha o bar Ouro verde, ali o bar do Nelso hoje bar já não é mais. [...] Com o tempo foram se organizando melhor e resolveram construir o clube Estrela. E foi com muito sacrifício, muita ajuda, muita colaboração das pessoas e conseguindo montar uma diretoria. (SIQUEIRA, 2017, Entrevista - grifos meus).*

2. *O Clube Estrela da Manhã foi uma associação fundada em 1934 e nesse início desses associados e amigos da associação, eles faziam os bailes em diversos locais aqui do centro da cidade e, só no ano de 1955 que eles conseguiram na realidade construir uma sede, que hoje é onde que é o atual Clube Estrela da Manhã (né). Então essa inauguração foi feita com muita festa e o primeiro presidente, Seu José, José Ribeiro Pinto, Seu Zé Biné, ele organizou toda uma festa junto com os membros da diretoria (né) e fizeram uma festa o dia todo, toda voltada para essa bela inauguração, que foi na data de 25 de Setembro de 1955. (ASSUNÇÃO, 2017, Entrevista - grifos meus).*
3. *[...] o Clube Estrela da manhã é conhecido pra nós como o clube dos pretos (né) e isso é uma coisa muito bonita porque quando você fala em estrela da manhã clube dos pretos você está pensando na tua gente (né), no teu povo, naquelas pessoas que você conheceu e que participaram sempre(...). (NAVARRO, 2017, Entrevista - grifos meus).*

Um *clube dos pretos*, fundado por negros e para negros em 1934, mas só vem adquirir sua sede própria vinte e um anos depois. Os enunciados apresentados trazem a priori que a iniciativa de criação da instituição é marcada pela necessidade de socialização dos afrodescendentes tibagianos que vivenciaram os mais diferentes modos de exclusão social que caracterizou o pós-abolição. Assim, o clube se constitui não apenas como uma alternativa para interação de sujeitos negros, mas como uma representação do caráter ativo destes indivíduos que não se acomodaram diante das práticas discriminatórias e fundaram seu próprio território.

O Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã se assemelha ao Clube Literário e Recreativo Treze de Maio em vários aspectos de seu processo de fundação, visto que ambas as entidades foram criadas por sujeitos negros e para atender as necessidades destes cidadãos. A transitoriedade dos endereços destas instituições até fixarem-se em suas próprias sedes também é um aspecto comum entre elas, além da presença do samba como um dos gêneros musicais que tocavam no clube, sobre isso os entrevistados e frequentadores do Clube Estrela da Manhã verbalizaram que:

1- *Quando tocava um samba não tinha ninguém. Naquela época era comum dançarmos todos juntos (né) assim de par, mas quando tocava Samba a roda se formava ali no meio do clube e não tinha, não tinha pra ninguém. Todo mundo dançando Samba que é a nossa característica (né), a nossa dança (né). O Samba é.. O Samba é do nosso clube (Então não tinha). Muito bom! (NAVARRO, 2017, Entrevista- grifos meus).*

2- *Mas geralmente era música lenta assim (né) e muito samba né que tem/tinha que ser (né), pois nós somos todos descendentes de negros que adoramos samba né. (TAQUES, 2017, Entrevista - grifos meus).*

3- *Era um estilo variado. Músicas para dançar, para os casais dançarem, músicas da época mesmo (né). E as músicas de carnaval, essas eram/são as que eu*

mais me recordo. São as músicas mesmo de carnaval. (RIBEIRO, 2017, Entrevista - grifos meus).

Embora o signo samba tenha aparecido diretamente, apenas na fala de dois dos nove entrevistados, observamos que no trecho 3 a descrição acerca de *musicas de carnaval* pode estar relacionada ao então gênero musical, visto que músicas de carnaval corresponde tanto a marchinhas quanto aos próprios *sambas enredo* que embalam tais festividades até a atualidade. Nesta esteira, os carnavais do clube foram relatados, segundo as memórias dos entrevistados, como um dos melhores eventos e/ou evento mais marcante do clube.

1- *Então o que mais movimentava mesmo era o carnaval, né, porque na época não tinha os carnaval da tenda, que surgiu no ano 2000, então movimento carnavalesco era no Clube Tibagiano e o Clube Estrela, né, que tinha concorrência das escolhas da rainha e todo o festejo das cinco noites. (ASSUNÇÃO, 2017, Entrevista - grifos meus).*

2- *Gostava mais do carnaval mesmo, toquei por vários anos no carnaval, que eu tinha conjunto também, tinha conjunto que era Os Diamantes, de Tibagi, que é lembrado até hoje pelo pessoal. Então que eu lembro assim da frequência do carnaval, os carnavais davam muito bonito, um tanto de gente assim. (DE ASSUNÇÃO, 2017, Entrevista - grifos meus).*

3- *E fizeram vários eventos ali no clube e os carnavais eram muito, muito animado, o melhor carnaval da cidade. E o pessoal participava mesmo. (SIQUEIRA, 2017, Entrevista - grifos meus).*

Os trechos apresentados evidenciam o *Carnaval* como um dos eventos mais movimentados do Clube Estrela da Manhã. Isso foi perceptível ainda nos enunciados construídos acerca do Clube Literário e Recreativo Treze de Maio, de Ponta Grossa, onde o signo *Carnaval* também se fez presente como um dos melhores eventos e lembrança marcante para parte dos entrevistados.

1- *Eu gostava muito do Carnaval de lá. Era o melhor Carnaval que tinha pra gente naquela época era esse. (PEREIRA, 2017, Entrevista - grifos meus).*

2- *Nossa, era super Carnaval. Muito bom... Com todo o respeito o pessoal pulava, a moçada (né). Tinha matinê, os matinês, e de noite, depois das dez horas era o baile, baile carnavalesco...Nossa senhora! Como era bom! (BUENO, 2017, Entrevista - grifos meus).*

3- *Se falava Treze de Maio, o Carnaval era o Treze de Maio. (DE PAULA, 2017, Entrevista - grifos meus).*

Assim, percebe-se que a herança negra pautada no samba e na cultura carnavalesca permeou, e ainda permeia, os dois territórios negros aqui elencados. Outro elemento que deve

ser evidenciado refere-se às relações de pertencimento, não restritas ao espaço em si, mas compreendidas pelos vínculos pessoais que neles ocorriam.

Considerações finais

Considerando que um clube foi fundado logo após a abolição da escravatura (Clube Literário e Recreativo Treze de Maio, de Ponta Grossa) e o outro fora criado quase cinquenta anos após este feito (Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã, de Tibagi), pode-se dizer que as diferenças mais notáveis estão no contexto histórico em que se constituíram e no perfil sócio-racial das cidades em que foram fundados.

Ambos são territórios negros, mas talvez possamos pensar em dois pontos principais que os diferenciam: Primeiro: Um clube foi fundado como Literário e o outro como Recreativo e Cultural. O que faz pensar na hipótese de que as interdições que cercavam o primeiro foram motivos de sobra para que seus idealizadores os registrassem como um espaço formativo e “desconectado” das práticas culturais negras, visto que as práticas de leitura não eram um traço característico destes indivíduos em 1890.

O segundo ponto refere-se ao perfil racial da cidade de Tibagi. De predominância negra, é possível que tal realidade demográfica tenha colaborado para que o clube conseguisse consolidar-se sem muitos embates. Nesse sentido, talvez possamos pensar o Clube Treze de Maio como um ambiente demarcador da resistência da população negra pontagrossense e o Clube Estrela da Manhã como um demarcador de Existência da população negra Tibagiana, mas atualmente, se assemelham, já que ambos re-existem (SOUZA, 2010) a partir de suas singularidades e dinâmica própria.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ARAUJO, Ana Cláudia. Pesquisadora resgata história dos Clubes Negros em Santa Catarina. **Portal Catarinas: Jornalismo com perspectiva de gênero** [online], Florianópolis, 22 jul. 2017. Disponível em: <<https://catarinhas.info/pesquisadora-resgata-historia-dos-clubes-negros-em-santa-catarina/>> Acesso em 12 set 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (1ª.ed.1979)

_____. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (1ª.ed.1979)

BRAIT, Beth. **Análise e teoria do discurso**. In: Bakhtin: Outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014, p 9-30.

BAN, Gustavo Yoshio Leal. Formas de Sociabilidade: o circuito dos clubes negros nos Campos Gerais. In: **CONEX- Encontro Conversando Sobre Extensão, 15º.**, 2017, Ponta Grossa. **Anais do 15º CONEX**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017. p.1-6. Resumo Expandido - ISSN 2238-9113. Disponível em: <https://sites.uepg.br/conex/anais/anais_2017/assets/uploads/trabalhos/07092017_160713.pdf> Acesso em: 11 set 2019.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes Sociais Negros: Lugares de Memória, Resistência Negra, Patrimônio e Potencial**. Santa Maria. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM-RS. Santa Maria, p.205. 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ponta Grossa. **População**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ponta-grossa/>> Acesso em: 18 set 2019.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Mapeamento dos Clubes Sociais Negros no Brasil. Roteiro de Entrevista. **Questionário Clubes Sociais Negros, 2010**. Paraná, 2010. 61p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe** [Online], 14 - 2014. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/2041> Acesso em 19 set 2019.

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. **TERRITÓRIOS NEGROS EM FLORIANÓPOLIS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, p.137. 2018.

PORTELLI, Alessandro. **Historia oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

REIS, Fábio Pinto Gonçalves dos. **Práticas sociais relativas às crianças negras em impressos agrícolas e projetos de emancipação de escravizados (1822-1888)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo-USP. São Paulo, p.256. 2010.

SANTOS, Merylin Ricieli. **“Quem Tem Medo Da Palavra Negro?”: Morenos, Misturados, Mestiços, Cafusos, Mulatos, Escuros, Preto Social, Participantes Do Clube 13 De Maio – Ponta Grossa (PR)**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

_____. Narrativas de identidade negra em concursos de beleza negra do Clube Treze de Maio (Ponta Grossa, 1985-2006). **Ateliê de História**. Ponta Grossa, v. 2, n.2 p. 221-242, 2014. Disponível em:

<<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/ahu/article/view/7456/4566>> Acesso em: 14 set 2019.

SANTOS, Merylin Ricieli dos. FONSECA, Mariana Fraga da. JOVINO, Ione da Silva. DE PONTA GROSSA A TIBAGI - SOCIABILIDADES NEGRAS E SUAS MEMÓRIAS In: **CONEX- Encontro Conversando Sobre Extensão, 15º.**, 2017, Ponta Grossa. **Anais do 15º CONEX**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017. p.1-6. Resumo Expandido - ISSN 2238-9113. Disponível em:

<https://sites.uepg.br/conex/anais/anais_2017/assets/uploads/trabalhos/07082017_000745.pdf> Acesso em: 11 set 2019.

SANTOS, Merylin Ricieli dos. **“Quem Tem Medo Da Palavra Negro?”: Morenos, Misturados, Mestiços, Cafuzos, Mulatos, Escuros, Preto Social, Participantes Do Clube 13 De**

Maio – Ponta Grossa (PR). 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **LETRAMENTO DE REEXISTÊNCIA: CULTURAS E IDENTIDADES NO MOVIMENTO HIP-HOP**. 2009. 148f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

TOZETTO, Mariana Laís. Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã. In: JOVINO, Ione da Silva. SANTOS, Merylin Ricieli dos. **Clubes em Memórias: Sociabilidades Negras nos Campos Gerais**. Curitiba: CRV, 2018 p.129-166.

VIEIRA, Daniele Machado. **TERRITÓRIOS NEGROS EM PORTO ALEGRE/RS (1800 – 1970)**: Geografia histórica da presença negra no espaço urbano. 2017. 189f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociência, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

Fontes Orais - Entrevistas

ANDRADE, Ivonete Ferreira de. **Entrevista 3** . [21 Jul. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Ponta Grossa, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 6:54 min/s).

ASSUNÇÃO, Neri Aparecido. **Entrevista 8**. [23 Set. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Tibagi, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 16:05 min/s).

BUENO, Darcy. **Entrevista 9** . [01 Ago. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Ponta Grossa, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 23:36 min/s).

DE ASSUNÇÃO, Antônio Ribeiro. **Entrevista 5**. [21 Ago. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Tibagi, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 10:10 min/s).

DE PAULA, Carlos Henrique. **Entrevista 5** . [21 Jul. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Ponta Grossa, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 13:55 min/s).

MADUREIRA, Joana Maria de Jesus. **Entrevista 8** . [28 Jul. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Ponta Grossa, 2017. 2 arquivo. Mp3 (tempo em 15:10 min/s).

MANOEL, Vera Lúcia Laranjeira. **Entrevista 10**. [25 Set.2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Ponta Grossa, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 19:46 min/s).

NAVARRO, Maria Lúcia. **Entrevista 1**. [21 Ago. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Tibagi, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 22:18 min/s).

PEREIRA, Leumari Aparecida. **Entrevista 2**. [20 Jul. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Ponta Grossa, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 24:26 min/s).

RAMOS, Andressa. **Entrevista 4** . [21 Jul. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Ponta Grossa, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 6:52 min/s).

RIBEIRO, Hilda Maria. **Entrevista 7**. [23 Set. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Tibagi, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 16:10 min/s).

SIQUEIRA, Elzinda de Jesus Dias de. **Entrevista 4**. [21 Ago. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Tibagi, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 28:25 min/s).

TAQUES, José Hamilton. **Entrevista 6**. [23 Set. 2017]. Entrevistadora: Merylin Ricieli dos Santos. Tibagi, 2017. 1 arquivo. Mp3 (tempo em 20:28 min/s).